



“O que está acontecendo agora?”: informação e interação no Twitter a partir de dispositivos móveis¹

Breno Maciel Souza Reis²
Maria Dalva Ramaldes³

Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes

Resumo

Este artigo busca discutir o papel dos dispositivos móveis de comunicação no envio, recebimento e interação com a informação difundida no ciberespaço – especificamente, no caso deste trabalho, no serviço de *microblogging* Twitter. Para contextualização, apresenta uma análise da mudança provocada pelas mídias digitais na sociedade. Contempla também exemplos de possibilidades de interação com conteúdos na rede, através de aparatos que permitem conexão móvel ao ciberespaço.

Palavras-chave

Cibercultura; Ciberespaço; Mobilidade; Interação Mediada; Twitter.

Introdução

Em 15 de janeiro de 2009, um acidente aéreo ocorrido na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos da América, se tornou um dos destaques dos noticiários em todo o mundo. O piloto de uma aeronave da companhia aérea U.S. Airways, fez um pouso de emergência no Rio Hudson. Janis Krums, um cidadão que passava no momento pelo local observou a cena, sacou seu iPhone, tirou uma fotografia do acidente e em seguida a enviou, através do próprio dispositivo, utilizando internet móvel, para a conta dele no Twitter⁴, com a seguinte mensagem: “*There’s a plane in the Hudson. I’m on the ferry going to pick up the people. Crazy*”, que poderia ser traduzido como “Há um avião no [Rio] Hudson. Eu estou no barco que está indo resgatar as pessoas. Loucura”. Imediatamente, a imagem enviada por Krums – do avião flutuando sobre o rio com os passageiros tentando se salvar – foi replicada não só entre os usuários do Twitter, mas

¹ Trabalho apresentado no II 5 – Comunicação Multimídia do XV Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, pesquisador voluntário do grupo de pesquisa “Mídia Digital Móvel”. e-mail: brenomaciel@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Prof. do Departamento de Comunicação Social da Ufes. e-mail: mdramaldes@yahoo.com.br

⁴ www.twitter.com



também em outros *sites* da internet e também por redes de televisão. A foto enviada através do telefone celular de Krums foi o primeiro registro do acidente, e quando as emissoras de televisão noticiaram o evento, a informação já percorria o globo através da internet, gerando comentários e especulações sobre um possível novo atentado terrorista, a exemplo do ocorrido na mesma cidade em 2001, quando dois aviões foram lançados sobre o World Trade Center.

O fato citado acima é apenas um dos vários exemplos já registrados de uma nova ordem de estruturação midiática instaurada na sociedade contemporânea, na qual se constata a liquefação das fronteiras entre os polos emissor e receptor, dando lugar a uma nova lógica na transmissão, recepção e compartilhamento de conteúdos. A emergência do ciberespaço e a popularização de aparelhos móveis, como telefones celulares multifuncionais e computadores portáteis, potencializam não somente o registro da realidade através das lentes destes dispositivos tecnológicos, mas também a transmissão dos mesmos conteúdos através de internet móvel e redes Wi-Fi⁵ espalhadas pelo espaço físico das cidades. Tais fenômenos expressam características marcantes da cultura digital, como a ubiquidade e a presença pervasiva da computação em todas as esferas da vida social, desde a telefonia até a comunicação e interação através de redes telemáticas em ambientes que se misturam ao espaço urbano, criando o que Santaella (2007, p. 217) define como “espaços intersticiais”⁶.

Este artigo analisa a mudança de fluxo da comunicação na sociedade contemporânea, que, antes caracterizado por seu caráter unidirecional e transmissionista da informação, dá lugar agora a uma nova lógica, rizomática, colaborativa e multidirecional, que permite maior liberdade no acesso, interação e envio de conteúdos, graças à emergência de tecnologias que transformaram radicalmente a forma como o sujeito interage com o outro e, conseqüentemente, com o mundo que o cerca. Também contempla uma análise das novas formas de participação e cooperação em espaços virtuais de convivência, como as redes sociais, baseado nas proposições de Lévy (1999) de que as tecnologias da informação proporcionam o surgimento de uma inteligência coletiva, concretizada

⁵ Wi-Fi é o termo utilizado para definir a conexão sem fio entre dispositivos como computadores e telefones celulares à internet, baseadas no padrão IEEE 802.11.

⁶ A autora denomina “espaços intersticiais” pois a presença massiva de aparatos tecnológicos introduzidos à vida cotidiana, bem como a possibilidade de conexão constante à rede permitem a fusão entre o real e o virtual (ou seja, entre o que é, e aquilo que está em potência de sê-lo), uma vez que o espaço das cidades agora é marcado pela hiper mobilidade e pela hiperconectividade.



através redes telemáticas globais, fazendo emergir novas formas de manifestação cultural, que Jenkins (2008) denomina como “cultura da convergência”, alterando o lugar da comunicação na sociedade contemporânea.

Da mídia de massa para a mídia pessoal: interações no ciberespaço a partir de dispositivos móveis

Antes da entrada maciça dos aparatos tecnológicos no cotidiano da sociedade a comunicação se baseava em um modelo transmissionista da informação, um – todos, que era articulado através da delimitação precisa dos papéis daqueles que detinham o poder de emissão de informações, como os meios de comunicação de massa, e os receptores, aos quais era designada a função de consumir os conteúdos divulgados pelos veículos de comunicação. A era midiática de tecnologias analógicas abarca os processos comunicacionais pelos quais perpassou a sociedade durante o século XX, como o advento e popularização dos *mass media*, como rádio, jornais, revistas, e, principalmente, a televisão. Por essa lógica, o processo comunicacional é entendido como uma via de mão única, que resulta num distanciamento entre os emissores e receptores dos conteúdos gerados pela mídia, de tal maneira que o sujeito comum não encontra espaço na criação e compartilhamento da informação como um bem simbólico.

Com a quebra do sentido monológico e unidirecional, novos processos de comunicação foram postos em primeiro plano, principalmente aqueles possibilitados pelos novos artefatos tecnológicos, propiciando o surgimento de uma multiplicidade de discursos, através das relações dialógicas de cooperação estabelecidas nos espaços de convivência e interação entre os sujeitos no ciberespaço. Dessa forma, no ciberespaço o processo comunicativo apresenta-se sem caminhos pré-definidos, sem polos distintos: na comunicação em rede, todos são potenciais emissores e receptores de conteúdo, adicionando também nesse contexto novas formas de participação e interação com as informações em espaços de convivência na rede, como as redes sociais, que funcionam como comunidades virtuais. Nelas, os usuários tanto podem compartilhar, interagir, postar conteúdos e opiniões sobre os mais variados temas, trocar informações pessoais e ampliar as possibilidades de debate político e social.



A entrada das tecnologias digitais no cotidiano da sociedade representou alterações em suas bases mais profundas, tanto no que se refere à sua organização e cultura, quanto aos moldes comunicacionais até então vigentes, uma vez que o ciberespaço oferece ao sujeito um novo ambiente que altera de maneira radical paradigmas históricos, como por exemplo, a noção de espaço, de presença e de subjetividade (FERREIRA, 2000). Percebe-se assim que a comunicação efetivada através de dispositivos tecnológicos e conectada às redes somente é possível a partir da iniciativa do sujeito, tanto para a interação homem-máquina, quanto homem-homem, mediadas pelo computador. Di Felice (2008, p.23) sublinha que

diante de nossos computadores ligados em rede, podemos nos comunicar somente se passamos a interagir com as nossas interfaces [...] em um diálogo constante, no qual é excluído qualquer tipo de passividade, ligado à forma comunicativa do espetáculo e a qualquer forma de nítida distinção entre produtor e o receptor da mensagem.

Com base nesta assertiva do autor, parece correto afirmar que as interações mediadas por computador podem envolver tanto as relações entre o sujeito e a máquina, como também aquelas que se dão entre dois ou mais sujeitos, conectados à rede através de computadores e dispositivos móveis, como telefones celulares. Primo (2007) corrobora esta tese, e constrói seu discurso sobre as possibilidades de interações na rede com uma abordagem sistêmico-relacional, criticando o uso da expressão “interatividade”, tanto em voga entre os estudiosos e profissionais de comunicação. Dessa forma, o autor promove uma discussão acerca dos processos interacionais que ocorrem no ciberespaço, estabelecendo uma dicotomia entre as interações mediadas por computador como reativas e mútuas. As interações reativas são mais limitadas e com resultados previsíveis. Trata-se de um sistema alopoiético, pois “[...] segue os passos impostos por outro subsistema externo e [...] sua presença e desempenho na interação restringe a evolução da mesma, convertendo a relação em um processo determinístico” (ibid., p. 136). Quando o usuário pressiona um botão em uma página na internet que o leva a outra, por exemplo, o processo é previsível e programado. Ou seja, ao clicar no hiperlink, o usuário não pode determinar o seu destino, uma vez que esse já foi predeterminado pelo *webdesigner* do primeiro site. Já as interações mútuas são aquelas que perpassam entre os sujeitos em um processo dialógico através das redes telemáticas, seja na troca de *e-mails*, em um serviço de *chat* ou em redes sociais. O autor reitera que estas se caracterizam por “relações interdependentes e processos de negociação, em que



cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente [...]” (ibid., p. 57). De tal modo, distancia sua proposição de um modelo transmissionista da informação, para assumir um enfoque relacional. Ou seja, o processo dialógico estabelecido modifica os sujeitos envolvidos no mesmo, na sua autopoiese, sua capacidade de se autocriar, através de “uma rede de processos de produção na qual cada componente participa da produção ou transformação de outros componentes da rede.” (ibid., p. 68). Santaella (2007, p.242) também utiliza o mesmo termo para definir a incorporação dos telefones móveis à própria corporalidade do sujeito, o que permite recuperar a quase secular tese de McLuhan (2001) de que os meios de comunicação funcionam como extensões do homem.

As reflexões teóricas aqui expostas permitem constatar que quando sujeitos conectados ao ciberespaço compartilham e acessam informações em um espaço público de convivência, como uma rede social (especificamente, no caso deste artigo, o Twitter), tem-se um exemplo claro de uma interação mútua, uma vez que as trocas dialógicas naquele ambiente só se dão por iniciativa própria do usuário, além de ser possível identificar a recursividade, característica dos processos que envolvem trocas simbólicas. E entre os aparatos necessários para que esse tipo de “relacionamento” ocorra estão os dispositivos móveis de comunicação, como telefones celulares multifuncionais e computadores portáteis, como os *notebooks*, e, mais recentemente, os *netbooks*, que se conectam a redes sem fio que cruzam o espaço físico das cidades, prontas a permitir o acesso à internet a qualquer um que disponha dos equipamentos necessários para tal.

Surgem desta forma na “ecologia midiática” (SANTAELLA, 2008, p. 232) novas “[...] práticas e protocolos sociais, culturais, políticos, jurídicos e econômicos” (ibid., p.232), favorecendo um processo acelerado de hibridização entre as novas mídias e as já existentes, o que resulta em novas linguagens, múltiplas e transmidiáticas, que passam a reunir em si características de diversos meios de comunicação. Esse processo de convergência encontra nos aparatos móveis de comunicação um potencializador. Lemos (2007, p. 131) diz que “[...] o telefone celular tem sido o dispositivo maior da convergência tecnológica, e da possibilidade de exercício efetivo dessa ‘rebelião’ política, mas também de constituição de relações sociais por contato imediato [...]”. O autor considera também que essas tecnologias são des-re-territorializantes⁷ por

⁷ Lemos (2007, p. 6) afirma que o ciberespaço promove um processo de des-re-territorialização, não somente sob a ótica da compreensão espacial e temporal, mas também como de “quebra de controle e hierarquias, de



excelência, radicalizando a ubiquidade característica do ciberespaço, ao possibilitarem aos usuários a fluidez da mobilidade, tanto de seus corpos quanto das informações que possuem, produzem e consomem (2007a, p. 08). Moraes (2006, p.35) concorda, ao afirmar que

A digitalização favorece a convergência de redes e plataformas numa linguagem única, forjando a base para a hibridização das infra-estruturas de transmissão de dados, imagens ou sons. A convergência materializa-se na 3ª geração da telefonia móvel, que permite a um celular conectar-se à internet; ser utilizado como câmera e filmadora digital, mp3⁸ e rádio FM; disponibilizar correio eletrônico, mensagens, noticiários, horóscopo, jogos eletrônicos, mapas e filmes, além de capturar e enviar imagens [...].

À mobilidade proporcionada pelos aparatos tecnológicos cada vez mais potentes, somem-se as possibilidades de registro e compartilhamento instantâneo da realidade, seja através de mensagens de texto e *e-mails*, quanto de conteúdos multimídia, como vídeos e fotografias, possíveis com a popularização dos telefones equipados com câmeras cada vez mais potentes, os quais se transformaram em dispositivos que permitem a gestão móvel do cotidiano dos sujeitos. A emergência e popularização de interfaces móveis, como telefones celulares e computadores portáteis, apresentaram novos paradigmas ao recente campo de estudo da cibercultura, já que o acesso à rede pode ser feito de qualquer lugar a partir destes pequenos dispositivos. Dessa forma, o ciberespaço se mescla ao contexto urbano, através da presença pervasiva⁹ de aparatos tecnológicos no cotidiano das grandes cidades, originando o que o autor denomina de “cidade ciborgue”, ou seja, espaços híbridos, mesclando o mundo ciber e as ruas das metrópoles. Souza e Silva (2006, p. 27 apud SANTAELLA, 2007, p. 219) afirmam que estes novos espaços

[...] combinam o físico e o digital num ambiente social criado pela mobilidade dos usuários conectados via dispositivos móveis de comunicação. A emergência de tecnologias portáteis contribuiu para a possibilidade de se estar constantemente conectado a espaços digitais e de, literalmente, se “carregar” a internet onde quer que se vá.

territorialização e desterritorialização” e diz que a internet é “[...] efetivamente máquina desterritorializante sob os aspectos político (acesso e ação além das fronteiras), econômico (circulação financeira mundial), cultural (consumo de bens simbólicos mundiais) e subjetivo (influência global na formação do sujeito)”.

⁸ O MP3, é uma abreviação de MPEG 1 Layer-3. É um formato de áudio que utiliza compressão das camadas e sons imperceptíveis à audição humana para criar arquivos de áudio com qualidade e com tamanho reduzido.

⁹ Presença pervasiva pode ser definido como o uso intensivo de computadores, tanto para a informatização da sociedade, quanto nas relações humanas. Santaella (2007, p.222) entende como pervasivo “[...] aquilo que se espalha por todos os lugares, computação integrada ao ambiente e aos objetos cotidianos de modo que capacite as pessoas a interagir com os recursos de processamento de informação de forma natural, casual e ajustado a quaisquer locais e contextos”.



Dessa forma, nesta era de comunicação móvel, “entrar na internet” não traduz mais as possibilidades oferecidas pelas tecnologias de comunicação móvel, *always on* (PELLANDA, 2006), uma vez que a expressão pressupõe o espaço virtual como separado do real, ou seja, considera os dois ambientes como instâncias distintas da experiência humana. Lévy (1999) acredita que o virtual e o real não se encontram em esferas distintas, mas sim que o virtual é o que potencialmente pode ser real. Em tempos de processos acelerados de des-re-territorialização, parece pertinente entender que estas duas instâncias se mesclam e adquirem cada vez mais um caráter de interdependência nas experiências vividas pelo sujeito. A expressão também implica o uso de terminais fixos para acesso ao ciberespaço, ou seja, que o usuário esteja parado diante de um computador para o acesso. Assim, acreditamos que “estar na rede” define de forma mais precisa esta nova realidade que se instaura na sociedade, caracterizada pela computação ubíqua, senciente e pervasiva, na qual o sujeito carrega consigo a forma de acesso, embutido em um pequeno aparelho que se conecta a fios invisíveis que atravessam a cidade e permitem acesso instantâneo à informação. A esse respeito, Lemos (2004, p. 2 apud PELLANDA, 2006) afirma que

a cibercultura [...] solta as amarras e desenvolve-se de forma onipresente, fazendo com que não seja mais o usuário que se desloque até a rede, mas a rede que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada

Santaella (2007, p.187) analisa esses novos lugares criados pela intersecção entre o espaço físico e o virtual, potencializado pelos novos dispositivos móveis e possibilidades de acesso, e os denomina como “espaços de hiper mobilidade”, afirmando que à mobilidade física proporcionada pelo cosmopolitismo das grandes cidades foi acrescida a mobilidade virtual das redes. Como afirma a autora, (ibid., p.242), “o celular, portanto, é uma das facetas de uma vida em devir”. Ou seja, a questão central da comunicação móvel não é mais onde o sujeito está, mas sim, qual a informação necessita ser acessada e compartilhada (PELLANDA, 2006).

Público e privado: redefinição de conceitos

A condição de hiper mobilidade proporcionada por esses dispositivos e pelo acesso móvel à rede redefine também os conceitos de público e privado, uma vez que tais



tecnologias permitem que os usuários efetuem registros da realidade através das câmeras de seus telefones móveis e publiquem imediatamente no ciberespaço o conteúdo capturado (tanto fotos como vídeos), caracterizando assim o espaço público como um terreno em constante vigilância. Podem ser citados os vídeos registrados pelas lentes de telefones celulares de pessoas em momentos constrangedores e que ganham a rede, publicados por usuários em sites de relacionamentos e redes sociais. Um exemplo é o vídeo “Pedro, me dá meu chip”¹⁰, no qual uma desavença particular entre um casal de namorados foi registrada e divulgada no Youtube¹¹, tornando-se *hit* e ultrapassando inclusive as fronteiras do ambiente virtual, ao pautar programas televisivos de alcance nacional e jornais locais. Outros exemplos podem ser citados, como o da apresentadora Daniela Cicarelli, flagrada em situações íntimas com seu namorado em uma praia, e da jornalista Ione Machado, que, visivelmente embriagada, subiu ao palco durante uma apresentação de uma dupla de cantores em um *shopping center* e protagonizou uma embaraçosa performance de uma das canções entoada pelos músicos.

A possibilidade de captura e compartilhamento de conteúdos facilita também a divulgação de informações urgentes, tais como eventos nos quais esses dispositivos se tornam a única forma de registro, como no caso citado na introdução deste artigo. Também podem ser utilizados como exemplo os inúmeros atos flagrados pelas câmeras dos telefones celulares e que são divulgados por redes de televisão, como o atentado ao metrô de Londres em julho de 2005, no qual as primeiras imagens e vídeos do ocorrido foram capturados pelas câmeras de telefones celulares e enviadas via internet móvel para a rede BBC, que inclusive disponibilizou um número telefônico exclusivo para que os cidadãos pudessem enviar conteúdos diretamente através dos dispositivos móveis e em tempo real. Cerca de mil fotografias e duzentos vídeos foram recebidos pela BBC em poucos minutos. Atualmente, a rede conta com outros ambientes virtuais que possibilitam o envio e armazenamento de imagens fixas e de vídeos diretamente de dispositivos móveis, caso do Flickr¹² e Youtube e também o Twitter e o Twitpic¹³.

De tal forma, confirma-se o deslocamento no fluxo da informação, conforme descrito anteriormente. Essa nova realidade favorece ainda a multiplicidade de discursos na rede,

¹⁰ Ver o artigo “Fim de Caso: criação, efemeridade e cultura”, disponível em http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/2_entretenimento/eixo2_art37.pdf

¹¹ <http://www.youtube.com>

¹² <http://www.flickr.com>

¹³ <http://www.twitpic.com>



consolidando o conceito de inteligência coletiva proposto por Pierre Lévy (1998). Para o autor, o ciberespaço possibilita o surgimento de tal inteligência através da interação entre os sujeitos, conectados à rede através de dispositivos tecnológicos, fixos ou não. Ele entende esse coletivo de sujeitos cooperando entre si e construindo conhecimento como “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (ibid., p. 28). O autor defende a ideia que a inteligência coletiva se dá a partir da premissa de que cada indivíduo possui um conhecimento específico sobre determinado conteúdo, ou seja, “a inteligência coletiva refere-se a essa capacidade [...] de alavancar a expertise combinada de seus membros” através da união de conhecimentos individuais, o que configura um novo tipo de poder, colaborativo e construído continuamente através da cooperação (JENKINS, 2008, p.54-337).

Ao encontro de Lévy, Jenkins (2008) defende que esta possibilidade aberta pelo ciberespaço para a colaboração voluntária de indivíduos produz um novo momento cultural para a sociedade, o qual denomina de cultura da convergência, por abarcar novas formas de participação social através de dispositivos tecnológicos que alteram também o fluxo dos conteúdos através de variados suportes midiáticos, ou seja, as mídias tradicionais e as novas mídias digitais, sociais e participativas. Assim, em comunidades virtuais e fóruns, usuários podem trocar informações e experiências, favorecendo “o surgimento de uma extensa cauda de trocas simbólicas, em um processo contínuo, avassalador, de intenso contágio viral” (RAMALDES *et al*, 2009), principalmente de bens imateriais, o que permeia a rede em toda a sua extensão e transforma radicalmente a relação que o indivíduo estabelece com a informação e com os meios de comunicação tradicionais.

Exemplos de interação em tempo real através de dispositivos móveis no Twitter

Especificamente no caso deste artigo, interessa investigar o uso dos telefones celulares e demais dispositivos móveis para a divulgação, interação e recepção de conteúdos e informações no *microblogging* Twitter. Criado em 2006 por Jack Dorsey, o Twitter é um serviço que permite ao usuário cadastrado realizar pequenas inserções textuais de no máximo 140 caracteres, com o propósito de compartilhar informações e opinar sobre os mais variados assuntos. As atualizações (chamadas de *tweets*) são exibidas em tempo



real na página do perfil do usuário e enviadas automaticamente a todos os que seguem (*followers*) o emissor, que podem responder (*reply*) ou republicar (*re-tweet*) a mensagem. Através de uma rede social onde a difusão de informação se encontra na gênese de sua formação, os usuários se relacionam e compartilham interesses, mesmo não tendo nenhum contato real fora do Twitter. Essa, aliás, é uma das características mais marcantes do serviço: as relações que se estabelecem entre os indivíduos são formadas majoritariamente a partir do interesse nas informações difundidas pelos usuários, mesmo que estes não tenham nenhum tipo de laço fora do ciberespaço.

Dentro desse contexto, os dispositivos móveis exercem grande importância para o Twitter. Esta potencialidade presente nos telefones celulares para o compartilhamento de informações, principalmente em redes sociais, foi observada desde a criação do serviço, uma vez que ele foi originalmente pensado para ser utilizado também a partir de interfaces móveis. Ao permitir a atualização com número reduzido de caracteres, o serviço se assemelha às mensagens de texto SMS¹⁴ que são trocadas diariamente através de telefones celulares. Aliás, este é um dos seus diferenciais, permitir a atualização a partir de aparatos móveis de comunicação, através do envio de mensagens de texto para um número telefônico predeterminado pelo *site*, o que transforma os usuários detentores dessas tecnologias em indivíduos com poder de mídia. Diversos aplicativos para dispositivos móveis foram criados para viabilizar, inclusive, a publicação de imagens em sites que se desenvolveram no entorno do Twitter, como é o caso do Twitpic, que também possibilita a atualização com imagens - cujo conteúdo é imediatamente publicado na página do usuário e enviado a todos os seguidores para visualização, permitindo, ainda, que os mesmos comentem, republiquem ou respondam à mensagem, tudo isso a partir do computador ou de um dispositivo móvel, conectado à internet.

Existem também serviços de atualização brasileiros que disponibilizam um número específico para que usuários do *microblogging* enviem mensagens e atualizem seus perfis. O sms2blog (sms.blog.br) foi o primeiro *gateway*¹⁵ brasileiro a possibilitar a atualização a partir de telefones celulares no Brasil. Uma vez que os dispositivos móveis estão sempre juntos às pessoas, se tornaram verdadeiras próteses de seus corpos, e na

¹⁴ SMS, ou *Short Messaging Service*, é um serviço de envio e recebimento de mensagens curtas de texto, geralmente de 140 caracteres, em dispositivos móveis como telefone celulares.

¹⁵ Gateway é uma porta de ligação, no caso do Twitter, um serviço que faz a ligação entre os usuários e o serviço de *microblogging*, intermediando o envio de atualizações a partir de dispositivos móveis como os telefones celulares.



medida em que os celulares transformam-se em mídias de convergência, multiplicam-se as possibilidades de informações a serem distribuídas, uma vez que os usuários podem, a qualquer momento, gerar conteúdo e publicá-lo no ciberespaço (VILARINHO e ALENCAR, 2009, p.3).

Outro exemplo a ser citado é o da operadora de telefonia móvel Vivo, que lançou no fim de 2009 o serviço “Vivo Twittando”¹⁶, que permite o envio e recebimento de conteúdos no *microblogging*. Através de um cadastro realizado na página do serviço, o usuário vincula sua conta no Twitter ao seu número de telefone celular, para atualizar via mensagens de texto seu perfil no site. Com um custo inferior ao de uma mensagem comum (R\$ 0,15, ao contrário de R\$ 0,30 em média pela mensagem SMS convencional), é possível também receber gratuitamente na tela do telefone celular 50 notificações por mês com as atualizações dos seguidores (*followers*) e também privadas (*direct messages*), permitindo inclusive a personalização do serviço através do filtro das mensagens de acordo com o seu emissor. Caso o usuário deseje receber um número maior de atualizações em tempo real, podem ser contratados planos que incluem até o recebimento ilimitado de mensagens, facilitando assim a interação entre usuários e deles com os conteúdos que são publicados, republicados e que fluem sem destino fixo por entre a rede.

É notório que muitos usuários transformam suas contas no *microblogging* em uma espécie de diário em tempo real de suas vidas, narrando atividades que estão desenvolvendo, desde ações corriqueiras até mesmo momentos inusitados. Esse fenômeno, denominado como *Lifestreaming*¹⁷, se caracteriza como um processo de expressão pessoal baseado no compartilhamento de informações íntimas, através de textos, fotografias e vídeos, e é facilmente perceptível entre muitos usuários do site. O músico Lucas Lima (@lucaslima), logo após o seu casamento com a cantora Sandy Leah (@sandyleah), passou boa parte da madrugada relatando sua lua-de-mel. Já o americano Dana Hanna (@TheSoftwareJedi) foi além, e narrou passo a passo a cerimônia de seu casamento, utilizando um telefone celular para atualizar seu Twitter e Facebook¹⁸, descrevendo todos os detalhes em tempo real para sua rede.

¹⁶ <http://tw.vivo.com.br>

¹⁷ *Lifestreaming* é a junção dos termos em inglês *Life* (vida) e *streaming* (corrente).

¹⁸ <http://www.facebook.com>



No campo político, a potencialidade de mobilização produzida pela emergência do Twitter tem produzido e arrefecido debates, envolvendo diferentes questões e atores do mundo da política. A campanha eleitoral do atual Presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama (@barackobama) foi pautada de forma incisiva nas novas mídias digitais, o que levou o então candidato a possuir uma das contas com maior número de seguidores no serviço. Além disso, em junho de 2009, durante um escândalo político, o Presidente do Senado Brasileiro, Senador José Sarney, enfrentou, também no Twitter, um protesto virtual por parte dos usuários e que logo se tornou um dos assuntos mais comentados no serviço. Através da *hashtag*¹⁹ #forasarney inserida ao final das mensagens enviadas e do perfil intitulado “Fora Sarney”, que atualmente conta com mais de 14 mil seguidores, o movimento ganhou notoriedade ao entrar em segundo lugar na lista dos assuntos mais discutidos do serviço de *microblogging*, os *trending topics*, o que chamou a atenção não somente da imprensa nacional, mas também internacional. O movimento ganhou força com a adesão de celebridades, principalmente após a formação de um grupo autointitulado “Piratas do Twitter”, liderado por músicos, atores e humoristas, com o objetivo de gerar visibilidade para a causa. O protesto virtual chamou a atenção do ator norte-americano Ashton Kutcher (@aplusk), que possui o maior número de seguidores do Twitter - mais de 2,5 milhões, ao ser solicitado insistentemente que ajudasse a divulgar a manifestação, incentivando o uso da *hashtag* #forasarney. Kutcher respondeu com a seguinte mensagem: “para meus twitters brasileiros: só vocês têm o poder de expulsar seu senador. É o SEU país e VOCÊS têm que lutar por aquilo que acreditam. Eu não tenho voto”²⁰, o que demonstra uma forte crítica do ator à tentativa do grupo brasileiro de chamar atenção internacional para o caso.

Durante o apagão que ocorreu no país em dez de novembro de 2009, o Twitter e os dispositivos móveis se transformaram em uma das grandes ferramentas de informação e articulação, enquanto a maior parte do país estava às escuras e em busca de detalhes sobre o ocorrido. Como a maioria das cidades estava sem energia elétrica, os

¹⁹ No Twitter, as *hashtags* servem como um rastreador dos assuntos que estão sendo comentados no momento, visando agregar o maior número de conteúdos a uma palavra. É necessário inserir o símbolo “#” antes de uma palavra-chave sobre o tema. Um grande volume de atualizações com a mesma *hashtag* faz com que o assunto entre para a “*trending topics*”, ou a lista dos temas mais discutidos em determinado momento. É interessante observar também a tentativa por parte dos usuários de chamar a atenção para determinado tópico, ao inserir em *tweets* que não possuam ligação direta com a *hashtag*.

²⁰ Mensagem original publicada no Twitter por Ashton Kutcher: “2 my brazilian tweeps; only you have the Power to impeach your senator. It’s YOUR country U have 2 stand 4 what U believe. I have no vote”



computadores portáteis ligados às baterias e os telefones celulares foram os aparelhos utilizados para o acesso ao *microblogging*. Assim que o apagão se iniciou, usuários que dispunham de dispositivos móveis se puseram a enviar mensagens ao Twitter, informando sua localização e produzindo instantaneamente um mapeamento das localidades que foram atingidas pela falta de energia.

Enquanto as redes de televisão estavam às escuras e fora do ar e a conexão via chamadas de voz parecia congestionada na maioria das operadoras de telefonia celular, a navegação via internet móvel estava funcionando perfeitamente. A busca por informações no Twitter foi tão decisiva que a Assessoria de Comunicação da Usina de Itaipu chegou a criar um perfil no *microblogging* para fornecer mais detalhes ao público em tempo real sobre o apagão.

Considerações finais

A informatização da sociedade e a transposição das relações humanas para o ciberespaço trouxeram consequências não só na forma como a sociedade se organiza, mas principalmente para o indivíduo. O homem contemporâneo encontra-se imerso em uma nova realidade, caracterizada pelas relações sociais mediadas pelo computador e pela insustentabilidade de conceitos que outrora norteavam a vida em comum e que serviam como referenciais de construção de subjetividade e de percepção da realidade. Neste cenário, os dispositivos móveis de comunicação exercem grande importância para o entendimento do atual estágio das relações humanas, principalmente aquelas mediadas por artigos informáticos, uma vez que, através destes dispositivos, abrem-se canais de comunicação que permitem acessar a rede de qualquer lugar, publicar conteúdos no ciberespaço, inclusive contendo fotografias ou vídeos feitos com câmeras digitais, a partir dos próprios aparelhos.

Dessa forma, rompe-se com a necessidade de um ponto de acesso físico e diluem-se as fronteiras, especialmente as que regiam a relação entre emissor e receptor, ainda que o modelo básico de comunicação de massa seja utilizado pelos *mass media*, com a perda sistemática de sua autonomia e da legitimidade como produtores de informações. No ciberespaço a informação é livre, desterritorializada e atemporal, e está à disposição de qualquer um que se disponha a desbravar esse novo campo em permanente efervescência e construção.



Percebe-se que o Twitter instaura um novo paradigma no que se refere à quebra do modelo transmissionista da informação, uma vez que, através do serviço, usuários podem emitir, receber e interagir uns com os outros e inferir sobre o próprio conteúdo, construindo de forma conjunta e colaborativa diferentes discursos - muitas vezes funcionando como uma espécie de fórum livre, a ágora digital da era pós-moderna, desterritorializada e passível de ser acessada de qualquer lugar, a partir de pequenos dispositivos carregados em bolsos daqueles que circulam pelas cidades. A sociedade atual, em rede e hiperconectada, apresenta desafios que necessitam ser estudados para compreensão do lugar do homem e da comunicação nesta era de hipermobilidade e conexão constante ao ciberespaço. A esse respeito, Di Felice (2008, p.23) afirma que

A construção de um social em rede, caracterizado por circuitos informativos interativos, obriga-nos a repensar as formas e as práticas das interações sociais fora da concepção funcional-estruturalista, baseada em relações comunicativas analógicas. O próprio papel da tecnologia comunicativa no interior das relações sociais deve ser completamente repensado. As formas da sociedade de massa, baseadas na distinção identitária entre emissor e receptor, entre empresa e consumidor, entre instituições e cidadãos, entre público e privado, não conseguem mais explicar a complexidade das interações sociais nem as formas do habitar metageográficas contemporâneas.

Referências Bibliográficas

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

DI FELICE, Massimo. **Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração**. In: Do público para as redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social. Org. Massimo Di Felice. 1ª Ed. São Caetano do Sul, SP. Difusão Editora: 2008.

FERREIRA, Luciana. **Modos de ocupação do ciberespaço**. Anais da SIGraDi (IV Congresso Ibero-Americano de Gráfica Digital). Publicação em CD-ROM. Disponível em <<http://souzaesilva.com/Website/portfolio/webdesign/siteciberidea/luciana/textos/luciana2.pdf>>. Acesso em 23 set 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LEMOS, André. **Cibercultura e mobilidade: a era da conexão**. In: Intercom 2005 – XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1465-1.pdf>> Acesso em 20 set. 2009.



_____. **Ciberespaço e Tecnologias Móveis.** Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura. In: Imagem, Visibilidade e Cultura Midiática. Livro da XV Compôs. Orgs. MÉDOLA, Ana Sílvia Davi; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais.** In: Matrizes, Revista do Programa de Pós - Graduação em Ciências da Comunicação. USP, ano 1, n.1. São Paulo, 2007. p. 121-137.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação Como Extensões do Homem.** São Paulo. Cultrix, 2001.

MORAES, Dennis De (Org.). **Sociedade Midiatizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Weblogs de bolso: análise do impacto da mobilidade no cenário – publicações instantâneas na web.** In: Prisma.com Revista de Ciências da Informação e Comunicação do Cetac. Nº 3. Out/06. Disponível em http://prisma.cetac.up.pt/artigospdf/12_eduardo_pellanda_prisma.pdf. Acesso em 29 jan 2010.

PRIMO, Alex. **Interação mediadas por computador.** Porto Alegre: Ed. Sulinas, 2007

RAMALDES, Maria Dalva; REIS, Ruth de Cássia dos; MACIEL, Breno. **Fim de Caso: criação, efemeridade e cultura.** In: III Simpósio da ABCiber Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. São Paulo. Nov 2009. Disponível em http://www.abciber.com.br/simpósio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/2_entretenimento/eixo2_ar t37.pdf.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

VILLARINHO, Vilma da Silva; ALENCAR, Marlivan Moraes de. **Celular: a potência da comunicação.** In: Intercom 2009 – XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2654-1.pdf> Acesso em 20 set. 2009.